



TODAS
AS SUAS
IMPERFEIÇÕES



COLLEEN
HOOVER

AUTORA DAS SÉRIES SLAMMED E HOPELESS

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

Série Slammed

Métrica

Pausa

Essa garota

Série Hopeless

Um caso perdido

Sem esperança

Em busca de Cinderela

Série Nunca jamais

Nunca, jamais

Nunca, jamais: parte 2

Nunca, jamais: parte 3

O lado feio do amor

Talvez um dia

Novembro, 9

Confesse

É assim que acaba

Tarde demais

As mil partes do meu coração

COLLEEN HOOVER
TODAS
AS SUAS
IMPERFEIÇÕES

Tradução de
Adriana Fidalgo

1ª edição

— **Galera** —

Rio de Janeiro | 2019

Hoover, Colleen, 1979-

H759t

Todas as suas (im)perfeições / Colleen Hoover ; tradução de Adriana Fidalgo. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2019.

Tradução de: All your perfects
ISBN 978-85-01-11768-7

1. Romance americano. I. Fidalgo, Adriana. II. Título.
19-57715

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Copyright da edição em português © 2019 por Editora Record LTDA.

Título original norte-americano:
All your perfects

Copyright © 2018 by Colleen Hoover. Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, um selo da Simon & Schuster, Inc.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-11768-7

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
sac@record.com.br



EDITORA AFILIADA

Para Heath.

Eu te amo hoje mais do que jamais amei.
Obrigada por ser genuíno.

Sumário

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta

Epílogo
Agradecimentos

Capítulo um

Antes

O porteiro não sorriu para mim.

Sou atormentada por esse pensamento durante todo o trajeto de elevador até o andar de Ethan. Vincent é meu porteiro favorito desde que Ethan se mudou para este prédio. Ele sempre sorri e conversa comigo. Mas, hoje, simplesmente abriu a porta com uma expressão indiferente. Não disse nem um *Oi, Quinn, como foi a viagem?*

Mas acho que todos temos dias ruins.

Checo meu celular e vejo que já passa das sete. Ethan deve chegar às oito, então tenho bastante tempo para preparar tudo. Quero surpreendê-lo com o jantar. *E comigo*. Cheguei um dia antes, mas decidi não avisar. Temos andado tão ocupados planejando o casamento; já faz semanas desde que tivemos uma refeição caseira juntos. E que fizemos sexo.

Quando chego ao andar de Ethan, hesito assim que saio do elevador. Um sujeito está marchando bem na frente do apartamento. Ele dá três passos, então para e olha para a porta; avança outros três passos na direção contrária e se detém de novo. Eu fico observando, esperando que vá embora, mas isso não acontece. Ele apenas continua andando de um lado para o outro, encarando a porta do apartamento. Não acho que seja amigo de Ethan. Eu o reconheceria se fosse.

Caminho na direção dele e pigarreio. O sujeito me encara, e eu aceno para a porta, indicando que preciso passar. Ele dá um passo para o lado, abrindo espaço, e evito um contato visual desnecessário. Procuo a chave na bolsa. Quando a encontro, ele para ao meu lado, pressionando a palma da mão na porta.

— Você vai entrar aí?

Olho para ele, e então para a porta de Ethan. *Por que ele está me perguntando isso?* Meu coração acelera com a ideia de estar sozinha em um corredor, exceto por um estranho questionando se estou prestes a abrir a porta de um apartamento vazio. *Será que ele sabe que Ethan não está em casa? Sabe que estou sozinha?*

Pigarrar e tento esconder o medo, embora o sujeito pareça inofensivo. Mas acho que o mal não tem cara, então não dá para saber.

— O meu noivo mora aqui. Ele está aí dentro — minto.

O rapaz assente com veemência.

— É. Ele está mesmo aí dentro. — Ele cerra o punho e bate na parede ao lado da porta. — Está aí dentro fodendo a minha namorada.

Tive aulas de defesa pessoal uma vez. O instrutor nos ensinou que devemos segurar uma chave entre os dedos, apontada para fora, assim, se formos atacadas, podemos acertar o agressor no olho. Então me preparo para o ataque do psicopata, que deve acontecer a qualquer momento.

Ele exala, e não consigo deixar de notar que o ar se enche com um perfume de canela. Que coisa estranha para se pensar quando estou prestes a ser atacada. Isso soaria muito bizarro na delegacia. *Ah, não consigo dizer o que meu agressor estava vestindo, mas seu hálito cheirava bem. Como chiclete.*

— Apartamento errado — aviso a ele, torcendo para que vá embora sem discussão.

Ele balança a cabeça em pequenos movimentos bruscos, indicando que eu não poderia estar mais errada, e ele, mais certo.

— É o apartamento certo. Tenho certeza. Seu noivo tem um Volvo azul?

Ok, então ele está perseguindo Ethan? Minha boca fica seca; um copo de água cairia bem agora.

— Ele tem mais ou menos 1,80 metro? Cabelo preto, usa uma jaqueta da North Face grande demais?

Pressiono uma das mãos na barriga. *Vodka cairia bem.*

— Seu noivo trabalha para o Dr. Van Kemp?

Agora eu sacudo a cabeça. Ethan não apenas trabalha para o Dr. Van Kemp... Seu pai é o Dr. Van Kemp. *Como esse cara sabe tanto sobre Ethan?*

— Minha namorada trabalha com ele — revela, olhando para a porta do apartamento com repugnância.
— *Mais* do que trabalha, pelo visto.

— Ethan nunca...

Sou interrompida por aquilo. *A foda.*

Ouçõ o nome de Ethan em um leve sussurro. Pelo menos parece um sussurro deste lado da porta. O quarto de Ethan fica na outra extremidade do apartamento, o que significa que, seja quem for, ela não está sendo muito discreta. Está gritando o nome dele.

Enquanto ele trepa com ela.

No mesmo instante, me afasto da porta. A realidade do que está acontecendo ali dentro me deixa enjoada. Todo o meu mundo fica incerto. Meu passado, meu presente, meu futuro; tudo está saindo do controle. O sujeito segura meu braço e me ampara.

— Você está bem? — Ele me apoia contra a parede. — Desculpe. Eu não devia ter jogado as coisas na sua cara assim.

Abro a boca, mas só consigo demonstrar minhas dúvidas.

— Você... tem certeza? Talvez esse barulho não venha do apartamento de Ethan. Talvez seja um casal no apartamento ao lado.

— Que conveniente! O vizinho de Ethan também se chama Ethan?

É uma pergunta sarcástica, mas vejo o arrependimento em seus olhos no mesmo instante. É legal de sua parte; sentir pena de mim quando está ocupado demais com sua própria situação.

— Eu segui os dois — explica ele. — Estão juntos aí dentro. Minha namorada e seu... namorado.

— Noivo — corrijo.

Cruzo o corredor e me encosto à parede antes de escorregar para o chão. Talvez não devesse me agachar assim, porque estou de saia. Ethan gosta de saias, por isso achei que seria uma roupa legal para vestir, mas agora tudo o que quero é arrancar a peça, enrolá-la em seu pescoço e enforcá-lo. Fixo o olhar em meus sapatos por tanto tempo que mal noto que o sujeito se sentou ao meu lado, até que pergunta:

— Ele está esperando você?

Balanço a cabeça.

— Era uma surpresa. Estive fora da cidade com minha irmã.

Mais um grito abafado abre caminho através da porta. O rapaz ao meu lado se encolhe e tampa os ouvidos. Também tampo os meus. Ficamos assim por um momento, nos recusando a permitir que qualquer som invada nossa audição até que tudo tenha acabado. Não deve demorar. Ethan não consegue continuar por mais do que alguns minutos.

— Acho que terminaram — digo, dois minutos depois. Ele tira a mão das orelhas e apoia os braços sobre os joelhos. Abraço os meus joelhos, pousando o queixo nos braços. — Será que a gente deveria abrir a porta? Confrontar os dois?

— Não posso. Preciso me acalmar primeiro.

Ele parece bem calmo. A maioria dos homens que conheço estaria arrombando a porta neste momento.

Nem tenho certeza se quero confrontar Ethan. Parte de mim só pensa em ir embora e fingir que os últimos minutos não aconteceram. Eu poderia mandar uma mensagem avisando que cheguei mais cedo, e ele me diria que estava trabalhando até mais tarde, então eu continuaria ignorante e feliz.

Ou eu poderia ir para casa, queimar tudo, vender o vestido de noiva e bloquear o número dele.

Não, minha mãe nunca permitiria.

Ah, meu Deus. Minha mãe.

Solto um gemido, e o sujeito imediatamente se empertiga.

— Você vai vomitar?

Balanço a cabeça.

— Não. Eu não sei. — Levanto a cabeça e me recosto na parede. — Acabou de me ocorrer que minha mãe vai ficar muito puta.

Ele relaxa ao constatar que não estou gemendo por nenhum problema físico, mas por medo da reação da minha mãe ao descobrir que o casamento vai ser cancelado. Porque definitivamente vai ser cancelado. Perdi a conta de quantas vezes ela mencionou como era alto o depósito para entrar na lista de espera do lugar. "Tem noção de quantas pessoas gostariam de casar no Douglas Whimberly Plaza? Evelyn Bradbury casou lá, Quinn. *Evelyn Bradbury!*"

Minha mãe ama me comparar a Evelyn Bradbury, cuja família é uma das poucas em Greenwich mais proeminentes que a do meu padrasto. Então é claro que minha mãe usa Evelyn Bradbury como exemplo de perfeita sofisticação em todas as ocasiões. Não ligo para Evelyn Bradbury. Fico tentada a mandar uma mensagem para minha mãe neste instante, dizendo: O casamento está cancelado e não dou a mínima para Evelyn Bradbury.

— Qual é seu nome? — pergunta o rapaz.

Olho para ele e percebo que é a primeira vez que o enxergo de verdade. É possível que este seja um dos piores momentos da sua vida, mas, mesmo levando isso em consideração, ele é muito bonito. Tem olhos castanho-escuros expressivos, que combinam com o cabelo rebelde. O maxilar é bem-definido, permanentemente tensionado com raiva silenciosa desde que saí do elevador. Os lábios carnudos se comprimem em uma linha fina toda vez que ele olha para a porta. Me pergunto se suas feições pareceriam mais suaves se a namorada não estivesse lá dentro com Ethan neste exato momento.

Ele emana uma certa aura de tristeza. Nada relacionado à presente circunstância. Algo mais profundo... como se fosse inerente a ele. Conheci pessoas que sorriam com os olhos, mas ele faz careta com os dele.

— Você é mais bonito que Ethan. — Meu comentário o pega de surpresa. Sua expressão é tomada pela

confusão; deve pensar que estou dando em cima dele. É a última coisa que se passaria em minha mente no momento. — Não é um elogio. É uma simples constatação.

Ele dá de ombros, como se não se importasse.

— É só que, se você é mais bonito que Ethan, sua namorada deve ser mais bonita que eu. Não que eu me importe. Talvez me importe. Não *deveria* me importar, mas não consigo deixar de imaginar se Ethan se sente mais atraído por ela que por mim. Será que é por isso que ele está me traindo? Provavelmente é. Me desculpe. Normalmente não sou tão autodepreciativa, mas estou com tanta raiva e, por alguma razão, não consigo parar de falar.

Ele me encara por um momento, analisando minha estranha linha de raciocínio.

— Sasha é feia. Não precisa se preocupar.

— Sasha? — pergunto, incrédula, antes de repetir o nome, dando ênfase ao *sha*: — *Sasha*. Isso explica muita coisa.

Ele ri, e então *eu* rio, o que é uma coisa curiosa; rir quando devia estar chorando. Por que não estou chorando?

— Eu sou Graham. — Ele estende a mão.

— Quinn.

Até mesmo seu sorriso parece triste. Eu me pergunto se seu sorriso seria diferente em outras circunstâncias.

— Eu diria que é um prazer conhecê-la, Quinn, mas este é o pior dia da minha vida.

Aquela é uma verdade infeliz.

— Da minha também — admito, frustrada. — Mas estou aliviada por ter encontrado você agora, e não no mês que vem, depois do casamento. Pelo menos não vou desperdiçar meus votos de casamento com ele.

— Você ia se casar daqui a um mês? — Graham desvia o olhar. — Que babaca! — xinga, baixinho.

— É mesmo. — Eu sempre soube disso. Ethan é um babaca. Pretensioso. Mas ele é um bom companheiro. *Ou eu pensava que fosse.*

Eu me inclino mais uma vez e passo as mãos pelo cabelo.

— Meu Deus, que saco.

Como sempre, minha mãe tem um timing impecável para mandar mensagens. Pego o celular e olho para a tela.

A prova do bolo foi adiada para as duas horas, no sábado. Não almoce antes. Ethan vai com a gente?

Suspiro com o corpo todo. Estava mais ansiosa para a prova do bolo que por qualquer outra etapa dos preparativos do casamento. Talvez eu consiga não contar a ninguém sobre o cancelamento até domingo.

O elevador apita, e desvio minha atenção do telefone para as portas. Quando elas se abrem, sinto um nó na garganta. Minha mão aperta o celular quando vejo as embalagens de comida para viagem. O entregador começa a andar em nossa direção, e meu coração bate no mesmo ritmo dos passos. *Esfregando sal na ferida com classe, Ethan.*

— Comida chinesa? Tá de sacanagem! — Eu me levanto e olho para Graham, que ainda está sentado no chão, me encarando. Aceno em direção à comida chinesa. — Essa é uma mania *minha!* Não de Ethan! Sou *eu* que gosto de comida chinesa depois do sexo! — Eu me viro para o entregador, e ele está paralisado, olhando para mim, em dúvida se deve seguir para a porta ou não. — Me dê isso! — Pego as sacolas. Ele nem questiona. Despenco de novo no chão, com dois sacos de comida chinesa, e começo a bisbilhotar o conteúdo. Fico puta ao descobrir que Ethan copiou meu pedido usual. — Ele até pediu a mesma coisa! Está alimentando Sasha com a minha comida chinesa!

Graham se ergue de um pulo e tira a carteira do bolso. Paga pela comida, então o pobre entregador abre a porta da escada e sai do corredor mais rápido que se tivesse de voltar até o elevador.

— Tem um cheiro bom — comenta Graham. Ele senta no chão e pega a embalagem com frango e brócolis.

Eu passo um garfo para ele e o deixo comer, embora seja meu prato preferido. Agora não é hora de bancar a egoísta. Pego a carne com batata imperial e começo a comer, mesmo sem fome. Mas me recuso a deixar Sasha ou Ethan provarem qualquer uma dessas comidas.

— Putos — resmungo.

— Putos sem comida — completa Graham. — Talvez os dois morram de fome.

Sorriso.

Em seguida como, imaginando quanto tempo vou continuar sentada no corredor com Graham. Não quero estar aqui quando a porta abrir, porque não quero descobrir como é Sasha. Mas também não quero perder o momento quando ela abrir a porta e der de cara com o namorado sentado no chão, comendo sua comida chinesa.

Então espero. E como. Com Graham.

Depois de alguns minutos, ele pousa a embalagem e vasculha a sacola, pegando dois biscoitos da sorte. Me entrega um e começa a abrir o seu. Graham quebra o biscoito e desenrola o pedaço de papel, então lê sua sorte em voz alta:

— Você terá sucesso em uma grande empreitada comercial hoje. — Ele dobra o papel ao meio depois de ler. — Faz sentido. Fui dispensado do trabalho hoje.

— Merda de biscoito da sorte — murmuro.

Graham amassa sua sorte em uma pequena bola e a joga na porta de Ethan. Abro meu biscoito e puxo o

papel de dentro.

— Se você iluminar apenas as suas *imperfeições*, todas as suas qualidades ficarão na sombra.

— Gostei — diz ele.

Amasso o papel e o jogo na porta do apartamento, como Graham fez.

— Sou a louca da ortografia. O correto é *imperfeições*. Com “m”.

— É por isso que gostei. A única palavra que erraram foi *imperfeições*. Meio irônico. — Ele engatinha e pega a bolinha de papel, então se esgueira de volta à parede e me entrega. — Acho que você devia ficar com ela.

Imediatamente afasto sua mão e a sorte.

— Não quero uma lembrança deste momento.

Ele me encara, pensativo.

— É. Nem eu.

Acho que nós dois estamos cada vez mais nervosos ante a perspectiva de a porta ser aberta, então ficamos em silêncio e apenas prestamos atenção nas vozes. Graham desfia o rasgo no joelho direito de seu jeans até que haja um pequeno amontoado de fiapos no chão e quase nenhum cobrindo o buraco. Pego um dos fios e o enrolo nos dedos.

— Costumávamos brincar de um jogo de palavras on-line, à noite — revela ele. — Eu era muito bom. Ensinei o jogo a Sasha, mas ela sempre ganhava. Toda maldita noite. — Ele estica as pernas. São bem mais longas que as minhas. — Eu ficava impressionado até que vi uma despesa de oitocentos dólares em seu extrato bancário. Ela estava comprando letras extras a cinco dólares só para ganhar de mim.

Tento visualizá-lo jogando no laptop à noite, mas é difícil. Ele parece o tipo de cara que lê romances, limpa o apartamento duas vezes ao dia e dobra as próprias meias, então coroa tamanha perfeição com uma corrida matinal.

— Ethan não sabe nem trocar um pneu. Passamos por isso duas vezes desde que estamos juntos, e ele teve que chamar um reboque em ambas.

Graham balança a cabeça de leve.

— Não quero arranjar uma desculpa para o que esse babaca fez, mas isso não é tão ruim. Muitos caras não sabem trocar um pneu — argumenta ele.

— Eu sei. Essa não é a parte ruim. A parte ruim é que *eu* sei como trocar um pneu. Mas ele me proibiu porque seria vergonhoso para ele ficar parado enquanto uma mulher trocava seu pneu.

Tem algo diferente na expressão de Graham. Algo que não notei antes. Preocupação, talvez? Ele me encara, sério.

— *Não* o perdoe por isso, Quinn.

Sinto um aperto no peito ao ouvir as palavras.

— Não vou — asseguro, com absoluta determinação. — Não quero ele de volta depois disso. Mas não sei por que não estou chorando. Talvez seja um sinal.

Ele tem um brilho perspicaz no olhar, mas, em seguida, as linhas ao redor de seus olhos parecem se acentuar.

— Você vai chorar hoje à noite. Na cama. É quando dói mais. Quando se está sozinho.

Aquele comentário torna tudo mais opressivo de repente. Não quero chorar, mas sei que a ficha vai cair a qualquer minuto. Conheci Ethan logo depois de começar a faculdade, e já estamos juntos há quatro anos. É muito a se perder em um instante. E, mesmo que eu entenda que acabou, não quero confrontá-lo. Quero apenas ir embora e esquecê-lo. Não preciso dar um fim em nada nem ganhar uma explicação, mas tenho medo de precisar de ambos quando estiver sozinha à noite.

— Talvez devêssemos fazer uns exames.

As palavras de Graham e o medo que me consome ao ouvi-las são interrompidos pelo som da voz abafada de Ethan.

Ele está caminhado em direção à porta. Eu me viro para olhar a entrada do apartamento, mas Graham toca meu rosto e recobra minha atenção.

— A pior coisa que podemos fazer agora é mostrar emoção, Quinn. Não fique zangada. Não chore.

Mordo o lábio e assinto, tentando reprimir todas as coisas que tenho vontade de gritar.

— Ok — sussurro, no momento em que a porta do apartamento de Ethan começa a se abrir.

Tento manter a compostura, como Graham está fazendo, mas a iminente presença de Ethan me deixa nauseada. Nenhum de nós olha para a porta. O olhar de Graham é severo, e ele respira com firmeza enquanto mantém o foco em mim. Nem posso imaginar o que Ethan vai pensar quando abrir a porta, em dois segundos. A princípio, não vai me reconhecer. Vai achar que somos dois estranhos sentados no corredor do prédio.

— Quinn?

Fecho os olhos quando escuto Ethan dizer meu nome. Não me viro em direção à voz. Ouço quando ele dá um passo para fora do apartamento. Posso sentir meu coração por toda a parte agora, mas principalmente na sensação das mãos de Graham em meu rosto. Ethan repete meu nome, porém é mais um comando para encará-lo. Abro os olhos, mas os mantenho em Graham.

A porta se abre ainda mais, e alguém arqueja, em choque. *Sasha*. Graham pisca e fecha os olhos por um longo momento enquanto inspira para se acalmar. Quando ele os abre, Sasha fala:

— Graham?

— Merda — resmungo Ethan.

Graham não olha para eles. Continua a me encarar. Como se nossas vidas não estivessem desmoronando ao nosso redor, Graham me pergunta, calmamente:

— Quer que eu desça com você?

Assinto com a cabeça.

— Graham! — Sasha pronuncia o nome como se tivesse o direito de se sentir irritada por ele estar aqui.

Graham e eu nos levantamos. Nenhum de nós olha na direção do apartamento de Ethan. Graham aperta minha mão com firmeza conforme me guia até o elevador.

Ela está bem atrás de nós, em seguida ao nosso lado, enquanto esperamos o elevador. Está flanqueando Graham, puxando a manga de sua camisa. Ele aperta minha mão com mais força, então imito seu gesto, deixando claro que podemos fazer isso sem uma cena. Vamos apenas entrar no elevador e partir.

Quando a porta se abre, Graham me conduz primeiro, depois entra. Não deixa espaço para Sasha nos seguir. Ele bloqueia a entrada, e somos forçados a olhar para as portas. Para Sasha. Ele aperta o botão do térreo, e só levanto o olhar quando as portas começam a fechar.

Percebo duas coisas:

1) Ethan não está mais no corredor, e a porta do apartamento está fechada.

2) Sasha é muito mais bonita que eu. Mesmo chorando.

As portas se fecham, e o caminho até o térreo é longo e tranquilo. Graham não solta minha mão, e não conversamos, mas também não choramos. Saímos em silêncio do elevador e cruzamos o saguão. Quando chegamos à porta, Vincent a abre para nós e nos encara como se pedisse desculpas com o olhar. Graham pega a carteira e dá um punhado de notas ao porteiro.

— Obrigado pelo número do apartamento — agradece Graham.

Vincent assente e pega o dinheiro. Quando seus olhos encontram os meus, estão nadando em arrependimento. Eu lhe dou um abraço, já que é provável que nunca mais o veja.

Do lado de fora, paramos na calçada, atônitos. Será que o mundo parece diferente para Graham agora? Porque certamente parece para mim. O céu, as árvores, as pessoas passando por nós na calçada. Tudo está um pouco mais decepcionante do que antes de eu entrar no prédio de Ethan.

— Quer que eu chame um táxi para você? — pergunta ele, por fim.

— Vim de carro. Está ali. — Aponto para o outro lado da rua.

Ele olha para o prédio atrás de nós.

— Quero dar o fora antes que ela desça. — Graham parece genuinamente preocupado, como se não pudesse encarar-la no momento.

Pelo menos Sasha está tentando. Ela seguiu Graham até o elevador, ao passo que Ethan apenas voltou para o apartamento e fechou a porta.

Graham olha para mim de novo, as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta. Aperto o casaco em volta do corpo. Não há muito o que dizer a não ser adeus.

— Adeus, Graham.

Seu olhar é vago, como se nem estivesse presente. Ele recua um passo. Dois passos. Então se vira e começa a andar na outra direção.

Olho para o prédio no momento em que Sasha irrompe pela porta. Vincent está logo atrás, me encarando. Ele acena para mim, então levanto a mão e retribuo o gesto. Ambos sabemos que é um adeus, porque jamais colocarei os pés no prédio de Ethan de novo. Nem mesmo para pegar minhas coisas, espalhadas pelo apartamento. Prefiro que ele as jogue fora a ter que olhar para sua cara outra vez.

Sasha olha para a esquerda, depois para a direita, esperando encontrar Graham. Não o encontra. Apenas a mim. Será que ela sequer sabe quem sou? Será que Ethan contou que iria se casar daqui a um mês? Será que falou que conversamos ao telefone essa manhã, e que ele confessou estar contando os segundos para poder me chamar de esposa? Será que ela sabe que, quando durmo em seu apartamento, Ethan se recusa a tomar banho sem mim? Será que ele disse que os lençóis onde foderam foram um presente de noivado de minha irmã?

Será que ela sabe que ele chorou quando eu aceitei seu pedido de casamento?

Ela não deve ter se dado conta disso ou não teria jogado fora o relacionamento com um cara que em uma hora me impressionou mais que Ethan em quatro anos.

Capítulo dois

Agora

Nosso casamento não desmoronou. Não ruiu de súbito.

Tem sido um processo muito mais lento.

Ele vem se *desgastando*, digamos assim.

Não sei nem quem é o culpado. Começamos bem, mais confiantes que a maioria. Tenho certeza disso. Mas ao longo dos últimos anos, vacilamos. O mais perturbador é o quanto somos talentosos em fingir que nada mudou. Não tocamos no assunto. Somos parecidos em muitas coisas, uma delas é a nossa habilidade em evitar as coisas que mais precisam de atenção.

Em nossa defesa, é difícil admitir que um casamento possa ter acabado quando ainda existe amor. As pessoas acreditam que um casamento só termina quando não há mais amor. Quando a raiva suplanta a felicidade. Quando o desdém substitui a alegria. Mas Graham e eu não estamos zangados um com o outro. Apenas não somos mais as pessoas que costumávamos ser.

Nem sempre as mudanças se refletem no casamento, porque, às vezes, os casais se movem juntos, na mesma direção. Mas, em outras, as pessoas tomam direções opostas.

Já faz tanto tempo que estou voltada na direção contrária à de Graham que nem me lembro de seu olhar quando ele está dentro de mim. Mas ele com certeza memorizou cada fio de cabelo da minha nuca após as inúmeras vezes que lhe dei as costas à noite.

Nem sempre as pessoas têm controle sobre o poder autotransformador das circunstâncias.

Olho para minha aliança de casamento e mexo nela com o polegar, girando-a em um círculo contínuo ao redor do dedo. Quando Graham a comprou, disse que o joalheiro lhe explicou que a aliança é um símbolo do amor eterno. Um laço infinito. O começo se torna o meio, e jamais deveria existir um fim.

Mas o joalheiro nunca disse, em nenhum momento, que o anel simbolizava eterna *felicidade*. Apenas eterno amor. O problema? Amor e felicidade não são coincidentes. Um pode existir sem o outro.

Observo meu anel, minha mão, a caixa de madeira que estou segurando, quando, do nada, Graham pergunta:

— O que você está fazendo?

Levanto a cabeça devagar, apesar da surpresa que sua súbita aparição no corredor me causou. Ele já havia tirado a gravata e aberto os três primeiros botões da camisa. Agora está apoiado no batente da porta, a curiosidade fazendo-o franzir o cenho enquanto me encara. Sua presença preenche o quarto.

Eu apenas o preencho com minha ausência.

Mesmo o conhecendo por tanto tempo, Graham ainda guarda um certo ar de mistério, transbordando dos olhos escuros e permeando todos os pensamentos jamais verbalizados. Sua quietude foi o que me atraiu quando nos conhecemos. Fez com que eu me sentisse em paz.

Engraçado como essa mesma quietude me deixa tensa agora.

Nem tento esconder a caixa de madeira em minhas mãos. É muito tarde; ele a observa intensamente. Desvio o olhar para ela. Estava guardada no sótão, intocada, quase esquecida. Eu a encontrei hoje, enquanto procurava meu vestido de casamento. Só queria ver se ainda cabia em mim. Sim, cabe, mas agora minha imagem parece bem diferente de sete anos atrás.

Parece mais solitária.

Graham avança alguns passos para dentro do quarto. Posso ver o medo contido em sua expressão conforme ele olha da caixa de madeira para mim, esperando que eu explique por que a estou segurando. Por que está no quarto. Por que sequer decidi tirá-la do sótão.

Não sei o porquê. Mas tê-la em mãos é uma decisão consciente, então não posso responder com um inocente “Eu não sei”.

Ele se aproxima, e sinto o cheiro pungente de cerveja. Graham nunca teve o hábito de beber, a não ser às quintas, quando janta com os colegas de trabalho. Na verdade, gosto de seu cheiro nas noites de quinta-feira. Tenho certeza de que, se bebesse todo dia, eu acabaria desprezando aquele perfume,

especialmente se ele não se controlasse. Seria um motivo de discórdia entre nós. Mas Graham está sempre no controle. Traça uma rotina e é fiel a ela. Essa é uma de suas características que considero mais sexy. Eu costumava ansiar por seu retorno nas noites de quinta. Algumas vezes, me arrumava para ele e o esperava, aqui mesmo na cama, antecipando o doce gosto de sua boca.

Eu ter me esquecido de ansiar por ele esta noite diz muita coisa.

— Quinn?

Posso ouvir todos os seus medos, silenciosamente esmagados entre cada letra do meu nome. Ele caminha em minha direção, e sustento seu olhar todo o tempo. Seus olhos parecem inseguros e preocupados. Não sei quando ele passou a me encarar assim. Graham costumava olhar para mim com diversão e reverência. Agora, seus olhos me inundam de piedade.

Estou cansada desse olhar, de não saber como responder suas perguntas. Já não estou em sintonia com meu marido. Não sei mais como me comunicar com ele. Às vezes, quando abro a boca, o vento parece soprar todas as minhas palavras garganta abaixo.

Sinto falta dos dias em que eu tinha de lhe contar tudo ou explodiria. E sinto falta de quando ele acreditava que o tempo que passávamos dormindo era um tempo perdido para nós. Certas manhãs, eu acordava e o flagrava me observando. Ele sorria, sussurrando “O que eu perdi enquanto você dormia?”. Eu rolava de lado e lhe contava tudo sobre meus sonhos, e, às vezes, ele ria tanto que seus olhos se enchiam de lágrimas. Ele analisava os sonhos bons e subestimava os pesadelos. Sempre me fazia sentir que meus sonhos eram melhores que os de qualquer um.

Graham não pergunta mais o que perdeu enquanto eu dormia. Não sei se porque não se interessa mais, ou se porque não sonho com mais nada que valha a pena compartilhar.

Não me dou conta de que continuo girando a aliança até Graham estender a mão e interromper meu movimento colocando o dedo nela. Gentilmente, ele entrelaça nossos dedos e afasta minha mão da caixa. Eu me pergunto se é sua intenção reagir como se eu segurasse uma bomba, ou se ele se sente mesmo desse jeito no momento.

Ele ergue meu rosto e se inclina, beijando minha testa.

Fecho os olhos e sutilmente me afasto, fazendo parecer que ele já me pegou no meio do movimento. Seus lábios roçam minha pele quando me afasto da cama, forçando-o a me soltar, e o vejo recuar um passo.

Eu chamo isso de dança do divórcio. Parceiro um tenta um beijo, parceiro dois não é receptivo, parceiro um finge não notar. Temos dançado essa coreografia já faz algum tempo.

Pigarreio, as mãos apertando a caixa enquanto a levo até a estante.

— Eu a encontrei no sótão — explico, então me inclino e coloco a caixa entre dois livros, na prateleira de baixo.

Graham fez essa estante para mim, como presente de um ano de casamento. Fiquei tão impressionada por ele tê-la construído do nada, com as próprias mãos. Lembro que uma farpa entrou em sua palma enquanto ele movia a estante para nosso quarto. Como forma de agradecimento, eu a pincei de sua mão. Então o pressionei contra o móvel, me ajoelhei e agradei um pouco mais.

Aquilo foi numa época em que tocar um ao outro ainda trazia esperança. Agora, seu toque é apenas outro lembrete de todas as coisas que jamais serei para Graham. Ouço seus passos cruzando o quarto em minha direção, então me levanto e seguro a prateleira.

— Por que você desceu com ela? — pergunta ele.

Não o encaro, porque não sei como responder. Ele está tão próximo; seu hálito reparte meu cabelo e acaricia minha nuca quando ele suspira. A mão cobre a minha, e ele também segura a estante, apertando-a. Leva os lábios a meu ombro em um beijo calmo.

Estou constrangida com a intensidade de meu desejo por ele. Quero me virar e colocar minha língua na sua boca. Sinto falta de seu gosto, de seu cheiro, de seus sons. Sinto saudades de quando ele estava sobre mim, tão desvairado que parecia querer me rasgar o peito só para encarar meu coração enquanto fazíamos amor. É curioso como posso sentir falta de uma pessoa ainda presente. É curioso como posso sentir falta de fazer amor com quem ainda faço sexo.

Não importa o quanto ainda chore pelo casamento que costumávamos ter, sou em parte — se não completamente — responsável pelo que nosso casamento se tornou. Fecho os olhos, decepcionada comigo mesma. Aperfeiçoei a arte da evasão. Sou graciosa em minhas esquivas; às vezes nem tenho certeza se ele percebe. Finjo dormir antes que ele se prepare para deitar à noite. Finjo não ouvir quando meu nome escapa de seus lábios no escuro. Finjo estar ocupada quando ele vem em minha direção, finjo estar doente quando me sinto bem, finjo trancar acidentalmente a porta quando estou no chuveiro.

Finjo estar feliz enquanto respiro.

Parece cada vez mais difícil fingir que gosto de seu toque. Não gosto, mas *preciso* dele. Existe uma diferença. E isso me faz imaginar se ele finge tão bem quanto eu. Será que me quer tanto quanto parece querer? Será que gostaria que eu não me afastasse? Ou está agradecido por eu fazer isso?

Ele me envolve com um braço, e seus dedos espalmam sobre minha barriga. Uma barriga que cabe facilmente em meu vestido de noiva. Uma barriga não maculada por uma gravidez.

Ao menos tenho isso. Uma barriga que a maioria das mães invejaria.

— Você nunca... — Sua voz está baixa e doce e completamente aterrorizada de me perguntar o que quer que esteja prestes a perguntar. — Você nunca pensou em abrir a caixa?

Graham jamais fazia perguntas para as quais não quisesse resposta. Sempre gostei dessa peculiaridade. Ele não preenche o silêncio com conversas desnecessárias. Ou ele tem algo a dizer ou não tem. Ou ele quer saber a resposta para uma pergunta ou não quer. Jamais me questionaria se já pensei em

abrir a caixa se não precisasse da resposta.

No momento, é sua característica que menos aprecio. Evito essa pergunta porque não sei como responder.

Em vez de arriscar que o vento empurre as palavras garganta abaixo, apenas dou de ombros. Depois de anos sendo especialistas em subterfúgios, ele finalmente interrompe a dança do divórcio para fazer uma pergunta séria. A única pergunta pela qual tenho esperado já faz um tempo. E qual é minha reação?

Dou de ombros.

É provável que os momentos seguintes sejam o motivo para ele ter demorado tanto tempo para fazer a pergunta. É o momento em que sinto seu coração parar, o momento em que pressiona os lábios em meu cabelo e murmura um suspiro que jamais vai ser retribuído, o momento em que percebe que está com os dois braços a minha volta, mas não me abraça. Já faz tempo que ele não é capaz de me abraçar. É difícil abraçar alguém que há muito se tornou escorregadio.

Não retribuo. Ele me solta. Eu exalo. Ele deixa o quarto.

Continuamos a dança.

Capítulo três

Antes

O céu virou de ponta-cabeça.

Assim como minha vida.

Há uma hora, eu era noiva do homem por quem fui apaixonada durante quatro anos. Agora, não mais. Ligo o limpador de para-brisa enquanto observo as pessoas procurarem abrigo. Algumas delas correm para dentro do prédio de Ethan, incluindo Sasha.

A chuva caiu do nada. Nenhum chuvisco para sinalizar o que estava por vir. O céu apenas emborcou, como um balde cheio de água, e gotas pesadas bateram com força contra minha janela.

Eu me pergunto se Graham mora ali perto ou se ainda está caminhando. Aciono o pisca-alerta e saio da minha vaga habitual em frente ao prédio de Ethan pela última vez. Tomo a mesma direção escolhida por Graham alguns minutos antes. Assim que dobro à esquerda, eu o vejo entrar em um restaurante para se abrigar da tempestade. Conquistadores. É um restaurante mexicano. Não sou fã dele, mas é perto do apartamento de Ethan e ele gosta, então comíamos aqui pelo menos uma vez por mês.

Um carro está saindo de uma vaga bem em frente ao restaurante, então espero pacientemente enquanto o motorista manobra, em seguida estaciono. Salto do carro sem saber o que vou dizer a Graham ao entrar.

Precisa de carona?

Quer companhia?

Que tal fazer sexo por vingança?

A quem quero enganar? A última coisa de que preciso nessa noite é fazer sexo por vingança. Não é para isso que o segui; espero que ele não presuma ser o caso quando me vir. Mas ainda não sei por que vim atrás dele. Talvez porque não queira ficar sozinha. Porque, como ele disse antes, as lágrimas chegarão mais tarde, no silêncio.

Quando a porta se fecha atrás de mim e meus olhos se ajustam à iluminação suave do restaurante, vejo Graham parado no bar. Ele está tirando o casaco molhado e o colocando nas costas da cadeira quando me nota. Não parece chocado em me ver. Puxa a cadeira ao seu lado com a certeza de que vou me aproximar e me sentar.

Eu faço exatamente isso. Sento bem ao seu lado, e nenhum de nós diz nada. Apenas nos solidarizamos em nosso infortúnio silencioso.

— Vocês querem algo para beber? — pergunta o barman.

— Duas doses de qualquer coisa que nos faça esquecer a última hora das nossas vidas — responde Graham.

O barman ri, mas nenhum de nós o acompanha. Ele percebe a seriedade de Graham, e então estica o dedo.

— Tenho a bebida perfeita. — Ele vai até a outra extremidade do bar.

Posso sentir Graham me observando, mas não olho para ele. De fato, não quero ver quão tristes estão seus olhos no momento. Quase tenho mais pena dele que de mim.

Puxo uma tigela de pretzels para perto. São um mix variado, então começo a separar os em formato de palito e monto um jogo da velha no balcão. Em seguida, escolho todos os redondos e empurro os clássicos na direção de Graham.

Coloco um dos redondos no centro. Olho para Graham e espero, em silêncio. Ele observa os pretzels que arrumei estrategicamente sobre o balcão e volta a olhar para mim. Então abre um lento e discreto sorriso antes de estender a mão para a tigela, pegar um pretzel clássico e colocá-lo no quadrado acima do meu.

Escolho o quadrado à esquerda do centro, posicionando meu pretzel com cuidado no lugar.

O barman pousa dois copos a nossa frente. Nós pegamos ao mesmo tempo e giramos as cadeiras até estarmos frente a frente.

Ficamos em silêncio por uns dez segundos, esperando que o outro faça um brinde.

— Não tenho absolutamente nenhum motivo para brindar — diz Graham, por fim. — Foda-se o dia de hoje.

— Foda-se — ecoo, em total acordo. Batemos os copos e jogamos a cabeça para trás. O drinque de Graham desce mais redondo que o meu. Ele bate com o copo no balcão e pega outro pretzel. Em seguida, faz sua jogada.

Estou escolhendo outro pretzel quando meu celular começa a vibrar no bolso do casaco. Eu o pego. O nome de Ethan brilha na tela.

Graham pega seu telefone e fica olhando o aparelho. O nome de Sasha aparece no visor. É cômico, de verdade. O que aqueles dois devem ter pensado quando saíram do apartamento e nos encontraram juntos, sentados no chão, comendo a comida chinesa que eles pediram?

Graham coloca seu celular no balcão, virado para cima. Põe o dedo no aparelho, mas, em vez de o atender, ele lhe dá um pequeno empurrão. Assisto conforme o aparelho desliza pela superfície e desaparece pela beirada. Ouço o aparelho bater no chão do outro lado do balcão, mas Graham age como se não se abalasse com a ideia de quebrar um telefone.

— Você acabou de quebrar seu celular.

Ele joga um pretzel na boca.

— Só tem fotos e mensagens de Sasha. Vou comprar um novo amanhã.

Pouso meu celular no balcão e olho para o aparelho, que fica silencioso por um instante até Ethan ligar uma segunda vez. Assim que seu nome aparece na tela, tenho o ímpeto de fazer o mesmo que Graham. Mereço um novo celular, em todo o caso.

Quando o toque cessa e uma mensagem de Ethan chega, dou um esbarrão no celular. Nós assistimos enquanto ele mergulha do outro lado do bar.

Voltamos ao jogo da velha. Venço a primeira partida. Graham vence a segunda. A terceira dá velha.

Graham come outro pretzel. Não sei se foi a dose que tomei ou se estou abalada pelo tumulto do dia, mas, toda vez que ele olha para mim, sinto um arrepio na pele. E no peito. Na verdade, em todo o corpo. Não sei se Graham me deixa nervosa ou se só estou agitada. De qualquer forma, o sentimento é melhor que a angústia que eu com certeza estaria sentindo se estivesse em casa, sozinha.

Substituo o pretzel que Graham acabou de comer na base do jogo.

— Preciso confessar uma coisa — digo.

— Nada do que disser é páreo para as últimas horas da minha vida. Confesse aí.

Apoio o cotovelo no bar e pouso a cabeça na mão. Olho de esguelha para ele.

— Sasha saiu do prédio. Depois que você foi embora.

Graham consegue ver a vergonha em minha expressão. Suas sobrancelhas se erguem em curiosidade.

— O que você fez, Quinn?

— Ela perguntou para que lado você tinha ido. Me recusei a responder. — Então me endireito e giro a cadeira até encará-lo. — Mas, antes de entrar no carro, dei meia-volta e disse: “Oitocentos dólares em um jogo de *palavras*? Sério, Sasha?”

Ele me encara. Intensamente. O que me faz refletir se ultrapassei algum limite. Com certeza não devia ter dito aquilo a ela, mas me sentia rancorosa. Não me arrependo.

— O que ela respondeu?

Balanço a cabeça.

— Nada. Seu queixo meio que caiu de espanto, mas depois começou a chover e ela correu para dentro do prédio de Ethan.

Graham continua me encarando com intensidade. Odeio isso. Queria que ele gargalhasse ou ficasse zangado com minha interferência. *Qualquer coisa*.

Mas ele não diz nada.

Depois de um tempo, abaixa o olhar até encarar o vazio entre nós. Estamos de frente um para o outro, mas nossas pernas não se tocam. A mão de Graham, que repousa em seu joelho, se move um pouco para a frente até os dedos roçarem minha perna, um pouco abaixo da bainha da saia.

É ao mesmo tempo sutil e óbvio. Todo o meu corpo enrijece com o contato. Não porque eu não goste, mas porque não consigo me lembrar da última vez que um toque de Ethan causou uma onda de calor como a que sinto agora.

Graham traça um círculo no topo do meu joelho. Quando ele ergue o olhar de novo, não me sinto confusa com o brilho em seus olhos. Seus pensamentos estão bem claros agora.

— Quer dar o fora daqui? — Seu tom é tanto um sussurro quanto um apelo.

Assinto com a cabeça.

Ele se levanta e tira a carteira do bolso. Deixa o dinheiro no balcão e coloca o casaco. Então estende o braço e entrelaça seus dedos aos meus, me guiando em direção à porta do restaurante, para fora dali e, com sorte, em direção a algo que torne esse dia aceitável.

Capítulo quatro

Agora

Certa vez, Graham me perguntou por que eu tomava banhos tão demorados. Não me lembro da desculpa que dei. Tenho certeza de que disse que era relaxante, ou que a água quente fazia bem para minha pele. Mas tomo banhos demorados porque é o único momento em que me permito viver o luto.

Eu me sinto fraca por precisar do luto quando ninguém morreu. Não faz sentido que eu sofra tanto por aqueles que sequer existiram.

Já estou no banho há meia hora. Quando acordei hoje de manhã, presumi, de maneira equivocada, que tomaria uma chuva rápida, sem sofrimento. Mas tudo mudou quando vi o sangue. Não deveria me espantar. Acontece todo mês. Aconteceu todos os meses desde que completei 12 anos.

Estou encostada na parede do boxe, deixando o jato de água correr pelo rosto. O fluxo dilui minhas lágrimas e faz com que eu me sinta menos patética. É mais fácil me convencer de que não estou chorando *tão* desesperadamente quando a maior parte do que escorre pelo meu rosto é água.

Estou me maquiando agora.

Às vezes isso acontece. Em um segundo estou no chuveiro, no seguinte não mais. Eu me perco na dor. Fico tão desorientada que, quando saio da escuridão, estou em outro lugar. Dessa vez, o outro lugar sou eu, nua, em frente ao espelho do banheiro.

Passo o batom no lábio inferior, depois no de cima. Deixo-o de lado e observo meu reflexo. Meus olhos estão avermelhados, mas a maquiagem está perfeita, o cabelo, preso, minhas roupas, dobradas de maneira ordenada no balcão. Observo também o reflexo do meu corpo no espelho, cobrindo os seios com as mãos. Fisicamente, pareço saudável. Meus quadris são largos, minha barriga, chapada, os seios, normais e firmes. Quando os homens olham para mim, às vezes, seus olhos se demoram.

Mas, por dentro, não sou nada atraente. No íntimo não tenho apelo, segundo os padrões da Mãe Natureza, porque não possuo um sistema reprodutivo operante. Afinal, a reprodução é o motivo da nossa existência. A reprodução é necessária para completar o ciclo da vida. Nascemos, nos reproduzimos, criamos nossos filhos, morremos, nossos filhos se reproduzem, criam *seus* filhos, *eles* morrem. Geração após geração de nascimento, vida e morte. Um lindo ciclo, jamais destinado a ser rompido.

No entanto... Eu sou a ruptura.

Eu nasci. É tudo de que sou capaz até morrer. Estou à margem do ciclo da vida, assistindo ao mundo girar enquanto permaneço em um impasse.

E porque ele é casado comigo... Graham também está em um impasse.

Visto as roupas, cobrindo o corpo que nos frustrou repetidas vezes.

Entro na cozinha e encontro Graham parado em frente à cafeteira. Ele olha para mim, e eu não quero que ele descubra sobre o sangue ou o choro no chuveiro, então cometo o erro de sorrir. Rapidamente, arranco o sorriso do rosto, mas é tarde demais. Ele acha que é um dia bom. Meu sorriso lhe deu esperança. Ele caminha em minha direção porque, como uma idiota, me esqueci de erguer meus escudos. Em geral, faço questão de manter as mãos ocupadas com uma bolsa, uma bebida, um guarda-chuva, um casaco. Às vezes tudo isso ao mesmo tempo. Hoje, não tenho nada com que me defender de seu amor, então ele me dá um abraço de bom-dia. Sou forçada a retribuir.

Meu rosto se encaixa perfeitamente na curva de seu pescoço. Seus braços envolvem com perfeição minha cintura. Quero pressionar os lábios na sua pele e sentir os arrepios na língua. Mas, se fizer isso, sei o que vai acontecer.

Seus dedos roçariam minha cintura.

Sua boca, quente e úmida, encontraria a minha.

Suas mãos tirariam minhas roupas.

Ele estaria dentro de mim.

Ele faria amor comigo.

E, quando acabasse, eu me encheria de esperança.

E, então, toda aquela esperança eventualmente escoaria com o sangue.

Eu ficaria devastada no chuveiro.

Em seguida, Graham me perguntaria: “Por que você toma banhos tão demorados?”

E eu responderia: “Porque são relaxantes. A água quente é boa para minha pele.”

Fecho os olhos e pressiono as mãos em meu peito, me desvencilhando. Eu tenho me afastado com tanta frequência que, às vezes, me pergunto se minhas palmas acabaram impressas em meu peito.

— Que horas é o jantar na casa da sua irmã? — Minhas perguntas abrandam a rejeição. Se eu me afasto enquanto pergunto algo, a distração faz tudo parecer menos pessoal.

Graham volta para perto da cafeteira e pega sua xícara. Dá de ombros enquanto assopra a bebida.

— Ela sai do trabalho às cinco, então provavelmente umas sete.

Ergo meus escudos; minha bolsa, uma bebida, meu casaco.

— Ok. Vejo você lá. Amo você. — Eu beijo sua bochecha com meus escudos firmes entre nós.

— Também amo você.

Já estou de costas quando ele diz as palavras. Raramente lhe dou a oportunidade de me dizer isso cara a cara.

Mando uma mensagem para minha irmã, Ava, assim que chego ao carro.

Esse mês não.

Ela é a única com quem ainda discuto o assunto. Parei de conversar com Graham sobre meu ciclo no ano passado. Todo mês, desde que começamos a tentar engravidar, há anos, Graham me consolava sempre que eu descobria que não existiria um bebê. No início, apreciava o gesto. Até ansiava por ele. No entanto, mês após mês, acabei temendo ter que lhe contar como me sentia arrasada. E sabia que, se eu temia sua obrigação em me consolar, então ele já devia estar mais que farto da decepção constante. Decidi, no início do ano passado, tocar no assunto apenas se o resultado fosse diferente.

Até agora, o resultado tem sido sempre o mesmo.

Sinto muito, baby, responde minha irmã. Está ocupada? Tenho novidades.

Saio da garagem e aciono o Bluetooth do celular antes de ligar para ela. Minha irmã atende no meio do primeiro toque. Em vez de alô, ela diz:

— Sei que você não quer tocar no assunto, então vamos falar de mim.

Amo como ela me entende.

— Quais são as novidades?

— Ele conseguiu o emprego.

Agarro o volante com força e me obrigo a parecer animada.

— Jura? Ava, isso é ótimo!

Ela suspira, e noto que está tentando soar triste.

— Nos mudamos em duas semanas.

Sinto as lágrimas ameaçando transbordar, mas já chorei o bastante por um dia. Estou feliz por ela, de verdade. Mas Ava é minha única irmã e vai se mudar para o outro lado do mundo. Seu marido, Reid, vem de uma família francesa enorme, e, mesmo antes de se casarem, ela avisou que poderiam viver na Europa em algum momento. A ideia sempre a agradou, por isso sei que está contendo a animação em respeito a minha tristeza ante a perspectiva da futura distância entre nós. Sei que Reid se candidatou a alguns empregos no último mês, mas uma pequena e mesquinha parte de mim torcia para que não conseguisse uma proposta.

— Vocês vão para Mônaco?

— Não, o emprego de Reid é em Impéria. É em outro país, mas fica a apenas uma hora de carro de Mônaco. A Europa é tão pequena, é bizarro. Aqui você dirige uma hora e chega a Nova York; na Europa, se você dirige uma hora, acaba em um país que fala uma língua completamente diferente.

Nem mesmo sei onde fica Impéria, mas já me parece combinar melhor com ela que Connecticut.

— Mamãe já sabe?

— Não — responde Ava. — Sei que ela vai fazer drama, então achei melhor contar pessoalmente. Estou a caminho da casa dela nesse instante.

— Boa sorte.

— Obrigada. Depois eu ligo para contar o quanto ela apelou para o sentimento de culpa. Vejo você no almoço amanhã?

— Estarei lá. E ela terá um dia inteiro para se acalmar.

Quando desligamos, estou parada em um sinal vermelho em uma rua deserta.

Literal e metaforicamente.

* * *

Meu pai morreu quando eu tinha 14 anos. Minha mãe casou de novo pouco tempo depois. Não me surpreendeu, nem mesmo me aborreceu. Meus pais nunca tiveram um relacionamento invejável. Estou certa de que parecia bom no início, mas, quando tive idade suficiente para compreender o que era amor, sabia que não havia isso ali.

De qualquer forma, não tenho certeza se minha mãe alguma vez casou por amor. Dinheiro é a prioridade quando o assunto é encontrar sua cara-metade. Meu padrasto não a conquistou com sua personalidade. Ele a ganhou com a casa de praia em Cape Cod.

Apesar do guarda-roupa e da atitude, minha mãe não é rica. Ela cresceu em condições modestas, em Vermont, a segunda de sete irmãos. Casou com meu pai quando ele era razoavelmente rico, e, assim que minha irmã e eu nascemos, exigiu que ele comprasse uma casa em Old Greenwich, em Connecticut. Pouco

importava que ele tivesse que trabalhar dobrado para sustentar seu padrão de vida dispendioso. Acho que ele gostava do trabalho mais que de casa.

Quando meu pai morreu, herdamos bens, mas não o bastante para minha mãe manter o padrão que estava acostumada. Não levou muito tempo para ela corrigir a situação; casou com meu padrasto em uma cerimônia discreta, menos de um ano depois de enterrar meu pai. Mal precisou viver oito meses com um orçamento apertado.

Embora minha irmã e eu tenhamos crescido em um estilo de vida abastado, não *somos* ricas. Nossa mãe há muito gastou a herança de meu pai. E meu padrasto tem filhos biológicos que vão herdar sua fortuna quando ele morrer. Portanto, mesmo tendo sido criadas nessas condições, Ava e eu jamais nos consideramos ricas.

É por isso que, tão logo nos formamos, começamos a trabalhar e a pagar nossas contas. Nunca pedi dinheiro para minha mãe. Primeiro, porque acredito ser inapropriado a uma mulher adulta, casada, ter que pedir ajuda aos pais. E segundo, porque ela não é generosa. Tudo tem um preço quando dado por minha mãe.

De vez em quando, ela faz coisas boas por mim e por Ava. No Natal passado, quitou nossos carros. E, quando me formei, antes de conhecer Graham, me ajudou a achar um apartamento e pagou o primeiro mês de aluguel. Mas, em geral, os gastos que minha mãe tem conosco precisam beneficiá-la de alguma forma. Ela compra roupas que acha que devemos vestir porque não gosta das que usamos. Agenda dias em spas como presente de aniversário e nos força a convidá-la. Visita nossas casas e reclama da mobília, e, dois dias depois de sua partida, um entregador aparece com móveis novos, escolhidos por ela.

Graham odeia quando ela faz isso. Diz que um presente é um belo gesto, mas um sofá é um insulto.

Não é que eu não aprecie as coisas que faz por mim. Mas preciso trilhar meu próprio caminho, porque, embora esteja cercada por ele, não estou nadando em dinheiro.

Uma das coisas pelas quais sou grata é nosso almoço semanal. Sem falta, Ava e eu a encontramos para almoçar no clube perto de sua casa. Odeio o lugar, claro, mas amo passar tempo com Ava, e toleramos mamãe o bastante para ansiar por nossa reunião semanal.

Entretanto, tenho a sensação de que tudo vai mudar agora que Ava está indo para a Europa. Os preparativos da viagem vão ocupar sua semana, o que faz desse nosso último almoço. A plenitude recém-agregada a sua vida faz a minha parecer ainda mais vazia.

— Você não pode pegar um avião para almoçar com a gente toda semana? — pergunto a Ava. — Como vou entreter sua mãe sem ajuda? — Sempre nos referimos a mamãe como *sua* mãe quando estamos falando sobre ela. Começou como uma piada no ensino médio, mas agora se tornou tão natural que precisamos nos policiar na frente dela para evitar uma gafe.

— Leve seu iPad e me chame pelo Skype — responde ela.

Eu dou uma risada.

— Não me tente.

Ava pega o celular e se anima quando lê uma mensagem.

— Tenho uma entrevista.

— Que rápido! Para vaga de quê?

— Professora de inglês para alunos de ensino médio de uma escola local. Paga mal, mas, se eu conseguir o emprego, vou aprender a xingar em francês e italiano bem mais rápido.

Reid ganha o bastante para que Ava não precise trabalhar, mas ela sempre teve um emprego. Minha irmã diz que a vida de dona de casa não é para ela, e acho que foi isso que atraiu Reid. Nenhum dos dois quer filhos, e Ava sempre gostou de se manter ocupada, então funciona para ambos.

Em alguns momentos, invejo sua falta de interesse por crianças. Tantas questões em minha vida e em meu casamento seriam inexistentes se eu não me sentisse tão incompleta sem um filho.

— Vai ser tão estranho sem você aqui, Ava — declara minha mãe, tomando seu lugar à mesa. Pedi a bebida de sempre para ela, um martini com azeitona extra. Ela coloca a bolsa na cadeira ao lado e morde uma das azeitonas do palito. — Não achei que sua mudança me abalaria tanto. Quando você virá nos visitar?

— Ainda nem fui embora — responde Ava.

Minha mãe suspira e pega o cardápio.

— Não acredito que esteja nos deixando. Pelo menos, você não tem filhos. Nem imagino como me sentiria se meus netos fossem tirados de mim.

Contenho o riso. Minha mãe é a pessoa mais dramática que conheço. Mal queria ser mãe quando Ava e eu éramos pequenas, e sei, de fonte segura, que não tem a menor pressa de se tornar avó. Um traço de sua personalidade que acho reconfortante. Ela não me pressiona para ter um bebê. Apenas reza para que eu jamais adote um.

Ava trouxe o assunto à tona em um de nossos almoços, há dois anos. Minha mãe, de fato, zombou da ideia. “Quinn, por favor, me diga que você não está considerando a ideia de criar o filho de outra pessoa”, disse ela. “A criança poderia ter... questões.”

Ava apenas me encarou e revirou os olhos, então me enviou uma mensagem escondida. *Sim, porque filhos biológicos nunca têm questões. Sua mãe precisa de um espelho.*

Vou sentir tanto a falta dela.

Já estou com saudades, mando para ela por mensagem.

Ainda estou aqui.

— Sinceramente, meninas, nenhuma de vocês aprendeu a ter modos à mesa?

Ergo o olhar e vejo minha mãe fuzilando nossos telefones. Bloqueio o meu e o jogo dentro da bolsa.

— Como está Graham? — pergunta ela. Seu interesse é pura cortesia. Embora Graham e eu já estejamos juntos há mais de sete anos, ela ainda gostaria que eu tivesse me casado com qualquer outro. Em sua opinião, ele jamais foi bom o bastante para mim, mas não porque ela quer o melhor para a filha. Se dependesse de minha mãe, eu teria me casado com Ethan e estaria morando em uma casa tão grande quanto a sua, e ela poderia se gabar para todas as amigas de como sua filha é mais rica que Evelyn Bradbury.

— Muito bem — respondo, sem dar detalhes. Porque, na verdade, apenas suponho que esteja ótimo. Já não posso mais dizer como está se sentindo ou no que está pensando, ou se está ótimo ou bem ou péssimo. — Ótimo.

— Você está bem?

— Estou. Por quê?

— Não sei — responde ela, me sondando. — Você parece... cansada. Está dormindo direito?

— Uau! — murmura Ava.

Reviro os olhos e pego o menu. Minha mãe sempre teve talento para insultos sinceros. Nunca me importei, porque ela implica com Ava e comigo na mesma medida. Talvez porque sejamos tão parecidas. Ava é apenas dois anos mais velha. Temos cabelo liso castanho, um pouco abaixo dos ombros, o mesmo formato de olhos, a cor idêntica à dos fios. E, segundo minha mãe, nós duas aparentamos estar cansadas com regularidade.

Fazemos os pedidos e conversamos até a comida chegar. O almoço está quase no fim quando alguém se aproxima de nossa mesa.

— Abril?

Ava e eu erguemos os olhos enquanto Eleanor Watts muda a bolsa azul-bebê da Hermès de um ombro para o outro. Ela tenta parecer sutil, mas seria melhor se nos acertasse a cabeça e gritasse: "Vejam! Posso pagar por uma bolsa de quinze mil dólares!"

— Eleanor! — exclama minha mãe. Ela se levanta, e as duas se cumprimentam com um beijo. Eu forço um sorriso quando Eleanor nos encara.

— Quinn e Ava! Meninas, estão lindas como sempre! — Quase pergunto se não pareço cansada. Ela se senta em uma cadeira e abraça a bolsa. — Como você está, Avril? Não a vejo desde... — Ela hesita.

— Desde a festa de noivado de Quinn e Ethan Van Kemp — completa minha mãe.

Eleanor meneia a cabeça.

— Não posso acreditar que faz tanto tempo. Olhe para nós. Somos avós agora! Como foi que isso aconteceu?

Minha mãe pega seu copo de martíni e bebe um gole.

— Ainda não sou avó — diz ela, quase como se contasse vantagem. — Ava está de mudança para a Europa com o marido. Filhos atrapalham os planos de viajar — argumenta, com um aceno displicente na direção de Ava.

Eleanor se vira para mim, os olhos examinando minha aliança antes de voltar para meu rosto.

— E você, Quinn? Já está casada há algum tempo. — Ela diz aquilo com uma risada obtusa.

Meu rosto queima, embora eu já devesse estar acostumada àquela conversa a essa altura. Sei que as pessoas não estão sendo insensíveis de propósito, mas boas intenções não diminuem o impacto dos comentários.

Quando você e Graham vão ter um bebê?

Vocês não querem filhos?

Continuem tentando, vocês vão conseguir.

Pigarreio e pego meu copo de água.

— Estamos trabalhando nisso — respondo, antes de tomar um gole. Quero que o assunto não se estenda, mas minha mãe faz questão de continuar. Ela se inclina na direção de Eleanor, como se eu não estivesse presente.

— Quinn tem problemas de fertilidade — revela minha mãe, como se fosse do interesse de qualquer um, não apenas meu e de Graham.

Eleanor inclina a cabeça e me encara com compaixão.

— Ah, querida. — Ela pousa a mão sobre a minha. — Sinto tanto ouvir isso. Vocês já pensaram em fertilização *in vitro*? Minha sobrinha e o marido não conseguiam conceber do modo tradicional, mas agora vão ter gêmeos.

Se pensamos em FIV? *Ela está falando sério?* Eu devia apenas sorrir e lhe dizer que era uma ideia genial, mas estou ciente de meu próprio limite e sei que cheguei nele.

— Sim, Eleanor — respondo, puxando a mão. — Na verdade, passamos por três tentativas malsucedidas. Consumiram nossas economias, e tivemos que fazer outra hipoteca na casa.

O rosto de Eleanor enrubesce, e imediatamente me sinto constrangida pela resposta, o que significa que minha mãe deve estar mortificada. Mas nem olho para ela, para não corroborar minha suposição. Vejo Ava tomar um gole de sua água, tentando disfarçar a risada.

— Ah — murmura Eleanor. — Isso é... Sinto muito.

— Não sinta — retruca minha mãe. — Tem um motivo para tudo o que passamos, certo? Até mesmo para as dificuldades.

Eleanor assente.

— Ah, acredito nisso piamente — diz ela. — Deus age de maneira misteriosa.

Eu rio discretamente. Sua observação evoca muitos comentários que minha mãe dirigiu a mim no passado. Sei que não é sua intenção, mas Avril Donnelly é a mais insensível das pessoas.

Graham e eu decidimos tentar engravidar com apenas um ano de casados. Eu era tão ingênua, acreditando que aconteceria de imediato. Depois dos primeiros meses de tentativas frustradas, comecei a me preocupar. Levei o assunto até Ava... e minha mãe, dentre todas as pessoas; confessei minhas preocupações antes mesmo de discuti-las com Graham. Minha mãe teve mesmo a audácia de dizer que talvez Deus ainda não me considerasse preparada para um filho.

Se Deus não permitia que pessoas despreparadas tivessem filhos, então Ele tinha muito o que explicar. Porque algumas das mães a quem ele premiou com fertilidade eram bem questionáveis. Inclusive minha própria mãe.

Graham tem sido solidário durante todo esse martírio, mas às vezes me pergunto se ele se sente tão frustrado quanto eu com todas as perguntas. Fica cada vez pior respondê-las. Às vezes, quando estamos juntos e as pessoas perguntam por que ainda não temos filhos, Graham põe a culpa em si mesmo. “Sou estéril”, diz.

Mas ele está longe de ser estéril. Graham se submeteu a um espermograma no início, e estava tudo bem. De fato, estava *mais* que bem. O médico usou o termo *abundante*. “Você tem uma abundante contagem de esperma, Sr. Wells.”

Graham e eu sempre ríamos disso. Mas, mesmo tentando transformar o assunto em piada, aquilo significava que o problema estava em mim. Não importava sua *abundante* contagem de esperma, ela era inútil em meu útero. Fazíamos sexo segundo um rigoroso cronograma. Eu media minha temperatura regularmente. Comi e bebi todas as comidas indicadas. Ainda assim, nada. Juntamos cada centavo que tínhamos e tentamos inseminação artificial, então fertilização *in vitro*, e alcançamos resultados insatisfatórios.

Cogitamos uma mãe de aluguel, mas é tão cara quanto FIV, e, de acordo com nosso médico, por causa de minha endometriose, diagnosticada quando eu tinha 25 anos, meus óvulos não são confiáveis.

Nada funcionou, e não podemos nos dar o luxo de continuar repetindo procedimentos fracassados, ou até mesmo de tentar novas técnicas. Começo a me dar conta de que talvez jamais aconteça.

Esse último ano tem sido o mais difícil de todos. Estou perdendo a fé. Perdendo o interesse. Perdendo a esperança.

Perdendo, perdendo, perdendo.

— Já pensou em adoção? — pergunta Eleanor.

Meus olhos encontram os dela, e tento ao máximo disfarçar a irritação. Abro a boca para responder, mas minha mãe se mete.

— O marido dela não está interessado em adoção — diz.

— Mãe — sibila Ava.

Ela acena com a mão para Ava em um gesto de desdém.

— Não estou espalhando para o mundo inteiro. Eleanor e eu somos praticamente melhores amigas.

— Vocês não se viam faz quase uma década — argumento.

Minha mãe aperta a mão de Eleanor.

— Bem, com certeza não parece tanto tempo. Como está Peter?

Eleanor ri, tão contente com a mudança de assunto quanto eu. Ela passa a contar sobre o novo carro do marido e sua crise de meia-idade que, tecnicamente, nem pode ser uma crise de meia-idade, porque ele já passa dos 60 anos, mas eu não as corrijo. Peço licença e vou ao banheiro na tentativa de fugir da constante lembrança de minha infertilidade.

Eu devia tê-la corrigido quando minha mãe disse que Graham não estava interessado em adoção. Não é que ele não tenha interesse, apenas não tivemos a sorte de ser aprovados por nenhuma agência por causa do passado de Graham. Não entendo como uma agência de adoção ignora que, à exceção de uma devastadora condenação quando adolescente, ele nunca foi nem ao menos multado. Mas, quando se é um dentre milhares de casais na competição, até mesmo uma pequena pisada de bola pode deixá-los no banco.

Além disso, não temos mais recursos para continuar na disputa. Os tratamentos esvaziaram nossa conta bancária, e, agora que temos uma segunda hipoteca, nem saberíamos como arcar com as despesas se *fôssemos* aprovados.

São tantos fatores, e, embora as pessoas pensem que não analisamos todas as nossas opções, nós as analisamos muitas vezes.

Caramba! Ava trouxe até uma boneca da fertilidade quando foi ao México, três anos atrás. Mas nada — nem mesmo superstição — funcionou conosco. Graham e eu decidimos, no início do ano passado, deixar tudo ao acaso, na esperança de que acontecesse naturalmente. Não aconteceu. E, para ser honesta, cansei de nadar contra a corrente.

A única coisa que me impede de desistir é Graham. No fundo, sei que, se abdicar do sonho de um filho, estarei abdicando de Graham. Não quero lhe tirar a chance de se tornar um pai.

A estéril sou eu. Não Graham. Ele também deveria ser punido por minha infertilidade? Graham diz que filhos não significam tanto para ele quanto para mim, mas sei que só fala isso para não me magoar. E porque ainda tem esperança. Mas, daqui a dez ou vinte anos, vai se ressentir de mim. Ele é humano.

Eu me sinto egoísta quando penso nessas coisas; me sinto egoísta toda vez que Graham e eu fazemos sexo, porque sei que me prendo a uma esperança vã, arrastando-o comigo em um casamento que, eventualmente, se tornará enfadonho para ambos. E é por isso que passo os dias on-line, procurando por alguma coisa que possa me dar uma resposta. Qualquer coisa. Faço parte de grupos de apoio, leio fóruns de mensagens, as histórias de “concepção milagrosa”, os grupos de adoção privada. Até participo de diversos grupos de pais para o caso de eu, enfim, ter um bebê. Estarei bem preparada.

A única coisa de que não participo é de redes sociais. Deletei todas as minhas contas no ano passado. Simplesmente, não conseguia lidar com as pessoas insensíveis em minha timeline. Primeiro de abril era o pior dia. Perdi a conta de quantos amigos acham engraçado anunciar uma falsa gravidez.

Eles não têm a menor compaixão por pessoas em minha situação. Se soubessem quantas mulheres haviam passado anos sonhando com um resultado positivo, nem mesmo pensariam em fazer graça com o assunto.

Sem contar a quantidade de amigos que reclamam dos filhos em suas timelines. “Evie passou a noite toda chorando! Argh! Quando ela vai dormir uma maldita noite inteira?” ou “Mal posso esperar pela volta às aulas! Esses meninos estão me deixando louca!”

Se aquelas mães ao menos soubessem...

Se eu fosse mãe, não subestimaria um único momento na vida de meu filho. Seria grata por cada segundo que choramingasse ou gritasse ou adoecesse ou me respondesse. Apreciaria cada segundo que ficasse em casa nas férias de verão, e sentiria saudades a cada segundo em que estivesse na escola.

Por isso saí das redes sociais. Porque, a cada atualização de status, eu me tornava mais e mais amarga. Sei que aquelas mães amam seus filhos. Sei que não os subestimam. Mas não entendem o que é ser incapaz de vivenciar as coisas que lhes causam estresse. E, em vez de desprezar cada pessoa de quem era amiga on-line, decidi deletar meus perfis na esperança de alcançar um arremedo de paz. Mas não aconteceu.

Mesmo sem rede social, não passa um dia sem que eu seja lembrada que posso jamais me tornar mãe. Toda vez que vejo um bebê. Toda vez que vejo uma grávida. Toda vez que encontro pessoas como Eleanor. Quase todo filme que vejo, todo livro que leio, toda canção que ouço.

E ultimamente... toda vez que meu marido me toca.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todas As Suas (im)perfeicoes Colleen H..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).